

Centro de
Documentação e
Pesquisa



A CULTURA DENTRO DE UMA PERSPECTIVA ANTI RACISTA

Robson Rodrigues da Siva

A CULTURA DENTRO DE UMA PERSPECTIVA ANTI RACISTA

Robson Rodrigues da Siva¹

RESUMO:

Este artigo propõe uma reflexão sobre a cultura sob uma perspectiva antirracista, considerando os impactos históricos e sociais das práticas culturais que reforçam a imperiosa necessidade de combaterem ao racismo estrutural partindo da compreensão de que a cultura é um campo de disputa simbólica, buscando-se, desta forma, demonstrar como a valorização das identidades negras constitui um elemento essencial para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.

Considerada como sendo um conceito complexo e multifacetado que pode ser abordado de diversas maneiras, aqui estão alguns pontos importantes da cultura a considerar: Cultura e Identidade, Racismo e Cultura, Perspectiva Antirracista, Práticas Antirracistas .

Em resumo, uma perspectiva antirracista sobre a cultura busca valorizar a diversidade cultural, criticar o racismo cultural e promover o diálogo intercultural. Isso pode ser alcançado através de práticas como a educação antirracista, a promoção da inclusão e o apoio às culturas marginalizadas.

Palavras-chave: cultura; racismo; conscientização; desigualdade; dignidade humana.

¹ Advogado e Escritor.



Introdução

A vida em sociedade trouxe evidentes benefícios aos seres humanos, mas, por outro lado, impôs uma série de limitações para que se tornasse possível uma vida em comum. Apesar disso, continuamos preferindo viver em coletividade.

Haverá, por acaso, uma coação moral, ou social, irresistível que nos impede de termos a liberdade de fazermos o que quisermos e nos obriga a vivermos em harmonia com o nosso próximo, por vezes mesmo contra a nossa vontade? Ou, diferentemente, será que é a própria natureza humana que nos leva ou nos impulsiona a aceitarmos voluntariamente, e com uma certa necessidade, tais limitações em nome de um bem maior?

A CULTURA DENTRO DE UMA PERSPECTIVA ANTI RACISTA

De todas as abordagens teóricas existentes a respeito dos aspectos antagônicos acerca da origem da convivência humana em grupos sociais, temos por senso comum o fato de que, embora haja divergências quanto ao aspecto natural (ontológico) ou contratual (alinhamento de expectativas ou acordo de vontades, segundo a filosofia de Jean-Jacques Rousseau) da vida gregária, o ser humano se distingue das demais espécies existentes no mundo justamente porque nem todo o seu comportamento se desenvolve automaticamente em sua relação com a natureza, e muito menos se transmite à sua descendência exclusivamente através de sua carga genética, pois, dentre todas as espécies, ele é o único animal que necessita de aprendizado constante para adquirir diferentes formas de comportamento, que se traduz em uma série de atitudes absorvidas na convivência com os seus semelhantes e que, com certeza, lhes seriam humanamente impossíveis de se desenvolver no isolamento.

Já em relação aos animais, ditos “irracionais ou instintivos”, não é isto o que ocorre visto que, se separarmos uma cria de seu grupo de origem, com o passar do tempo ela apresentará as mesmas características comportamentais, capacidades e atitudes de seus semelhantes, pois estas decorrem, sobretudo, de herança genética ou instinto característico, e não de aprendizado.

Nesse sentido, ao menor contato com a vida social vemos uma nítida diferença existente entre os indivíduos que a compõe, percebida através da cultura, da arte, da religião, do sexo, da raça, do físico, da inteligência, da personalidade, dentre outros fatores. Entretanto, tais atributos devem ser encarados apenas como aspectos elementares da manifestação das diferenças físicas ou pessoais, mas, nunca como desvalorização ou demérito pessoal porque, para fins de humanidade, todos somos iguais.



A afirmação "*Se a criança aprende a odiar, também pode aprender a amar*", atribuída a Martin Luther King Jr., reflete sua crença de que o ódio não é inato, mas sim aprendido, e, portanto, o amor também pode ser ensinado. Ele defendia que a capacidade humana de aprender tanto o ódio quanto o amor é o que nos permite criar um mundo com mais harmonia e menos preconceito, através da educação para o amor e o perdão, muitas das vezes materializados ou instrumentalizados através da arte, da cultura e das mais diversas formas de manifestação do pensamento e da vontade.

Na verdade, ele usou essa poderosa frase para enfatizar que as mesmas capacidades que levam uma pessoa a desenvolver ódio por alguém podem ser direcionadas para o aprendizado do amor, oferecendo uma visão otimista sobre a possibilidade de transformar a sociedade para melhor por uma razão muito simples: a cultura, enquanto conjunto de práticas, valores, símbolos e representações que estruturam a vida social, reflete e reproduz as relações de poder existentes em uma sociedade.

Nesse sentido, pensar a cultura a partir de uma perspectiva antirracista é um exercício necessário para compreender como o racismo foi historicamente naturalizado nas produções simbólicas e institucionais e o combate a essas desigualdades implica, portanto, uma revisão crítica dos referenciais culturais que sustentam a hegemonia eurocêntrica.



A Hegemonia Eurocêntrica

Desde o período colonial, especialmente no Brasil, a formação cultural das sociedades ocidentais esteve pautada na valorização de modelos europeus em detrimento das expressões culturais afrodescendentes e indígenas, cuja imposição de padrões culturais brancos contribuiu para a construção de estereótipos, apagamentos e marginalizações que ainda se manifestam nos espaços educacionais, midiáticos e artísticos.

A perspectiva antirracista propõe uma ruptura com essa lógica de exclusão e subordinação que, em contornos específicos, compreende a cultura como campo de resistência e reexistência, onde grupos historicamente oprimidos produzem saberes, narrativas e estéticas próprias, capazes de desafiar as hierarquias raciais. Nesse contexto, as produções culturais, especialmente as negras, não devem ser vistas como expressões periféricas, mas como elementos constitutivos da identidade nacional e do patrimônio cultural.

Personalidades negras que fizeram e fazem a diferença no Brasil

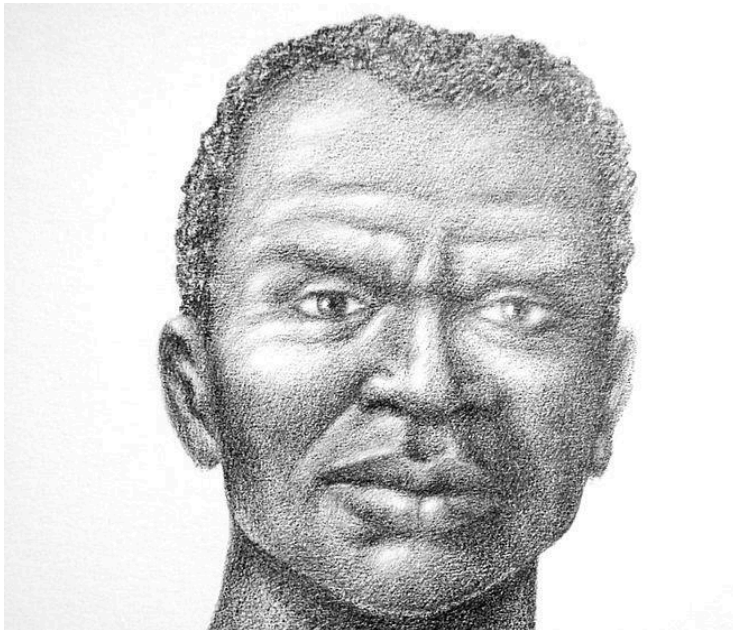
Durante muito tempo da nossa História fomos levados à adoção de uma visão limítrofe acerca da necessidade de implementação de ideais antirracistas nas políticas públicas e nas práticas educativas, essenciais para a promoção da equidade cultural e que, em última análise, implica o reconhecimento e a valorização de autores, artistas e intelectuais negros, bem como a inserção de suas produções nos currículos escolares, nos meios de comunicação e nos espaços institucionais de poder simbólico.

Muitas foram as pessoas negras que lutaram pela inserção social do povo negro no Brasil. Personalidades na política, na música, nas artes, na literatura e no ativismo, que são verdadeiros expoentes injustiçados pelas histórias mal contadas nas escolas e cadeiras



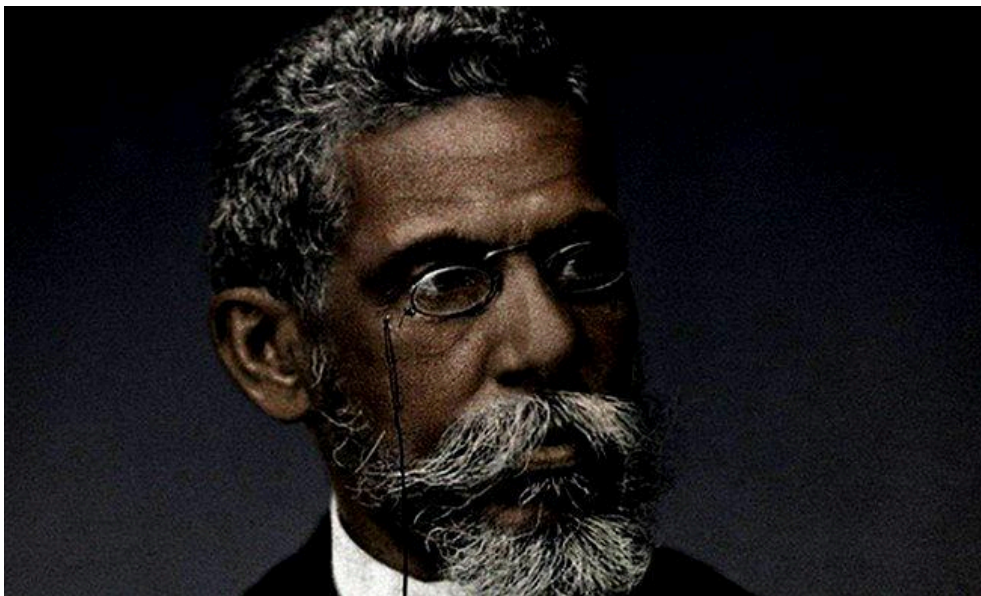
universitárias. Grandes mulheres e homens de várias gerações, que ajudaram de forma significativa na diminuição da desigualdade racial no nosso país.

Zumbi dos Palmares (1655-1695)



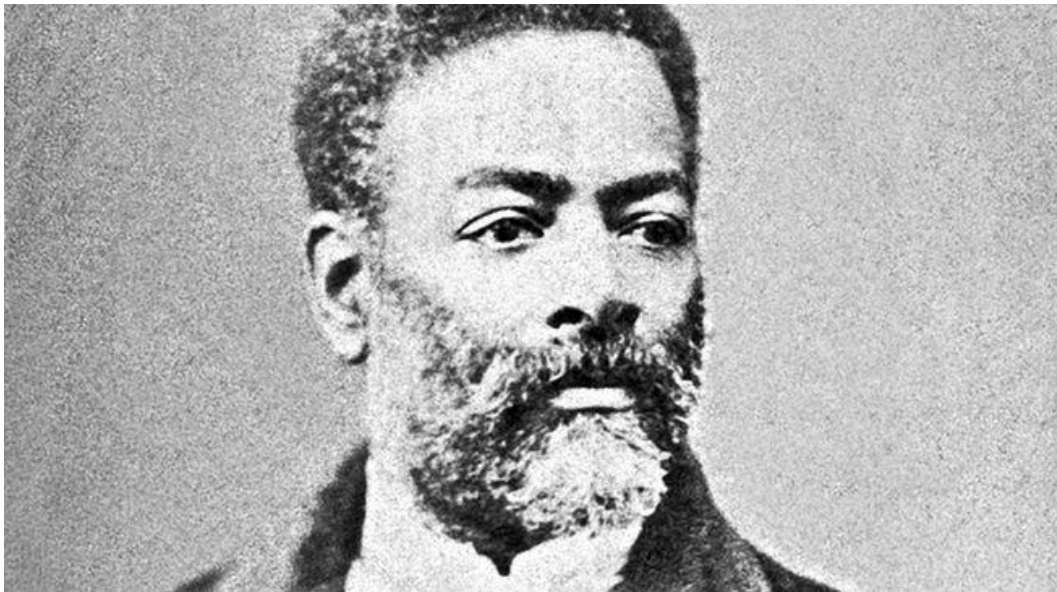
Zumbi dos Palmares foi o símbolo da resistência dos escravos que conseguiam fugir das fazendas de Alagoas e arredores. Zumbi já nasceu no Quilombo e, portanto, livre. No entanto, numa das incursões contra o quilombo foi vendido para um sacerdote e assim, estudou latim e português. Desta forma, sabia das péssimas condições de vida que estavam submetidos os africanos que eram trazidos à força para trabalharem nos engenhos nordestinos. Volta ao Quilombo e quem o liderava era Ganga Zumba. Nessa época, o lugar já tinha uma população de 30 mil pessoas e representava uma ameaça ao governo português. Por isso, decidem fazer uma oferta para que se entreguem sem violência. A proposta é rejeitada por Zumbi que teria armado uma emboscada para Ganga Zumba ou o envenenado. Começa, assim uma guerra entre os quilombolas, colonos e a Coroa portuguesa. Liderando o Quilombo dos Palmares, seu exército foi derrotado, e Zumbi foi capturado e morto. Sua cabeça foi exposta em praça pública, mas seu exemplo de luta foi passado de geração em geração. A vida de Zumbi se tornou exemplo para o movimento negro atual. O Dia da Consciência Negra (22 de novembro) - dia do assassinato brutal de Zumbi - é uma importante data que relembra e fortalece a luta e a força do povo negro no Brasil.

Machado de Assis (1839-1908)



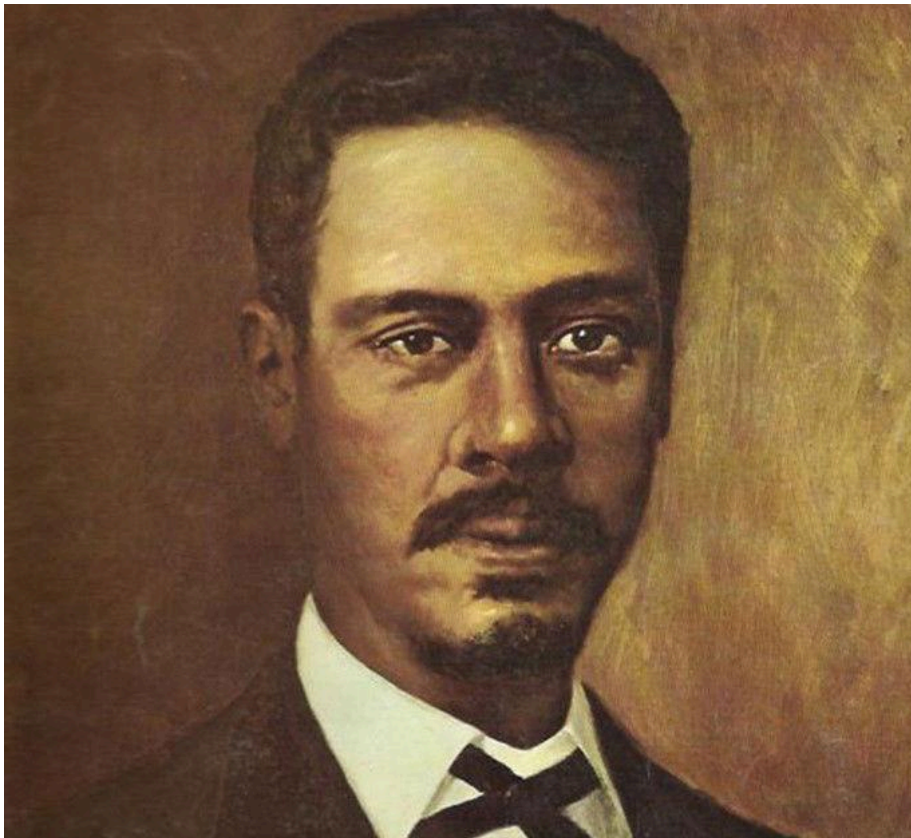
Nascido no Rio de Janeiro no berço de uma família pobre carioca, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu numa família pobre. Desde pequeno, o menino se interessava pelos livros e aprendeu francês, idioma com o qual escreveria alguns poemas. Foi funcionário público em vários ministérios, enquanto desenvolvia sua atividade literária publicando crônicas e contos nos jornais. Ainda assim escreveria nove romances fundamentais para a literatura brasileira dentre os quais se destacam "Dom Casmurro" e "Memórias Póstumas de Brás Cubas". Além disso, fundou a Academia Brasileira de Letras, e foi seu primeiro presidente. A instituição ainda cumpre um importante papel na divulgação da língua portuguesa e tem a sua sede no Rio de Janeiro. Considerado por muitos como o maior escritor brasileiro de todos os tempos, teve uma origem difícil e, embora sua negritude tenha sido negada por muito tempo, hoje finalmente é reconhecido como um homem negro. O futuro grande escritor precisou trabalhar cedo e foi um autodidata. Um dos seus primeiros empregos foi como aprendiz de tipógrafo. Depois de publicar o seu primeiro conto - aos 16 anos - não parou mais de escrever, tendo criado romances, crônicas, poemas e textos dos mais variados gêneros. Atuando também como tradutor e jornalista, Machado deixou um legado ímpar na nossa literatura. Ativista, o intelectual foi ainda o fundador (e primeiro presidente) da Academia Brasileira de Letras.

Luís Gama (1830-1882)



*Um dos patronos da abolição da escravidão no Brasil é o advogado e escritor Luís Gama. Nascido em 1830 em Salvador (BA), Luís era filho da negra liberta **Luísa Mahin** (outra figura importantíssima na luta pela libertação) e de um aristocrata português. Nascido na Bahia de uma liberta e de um português empobrecido, Luís Gama nasceu livre, mas aos dez anos foi vendido como escravo pelo pai que estava endividado, o que o levou a viver em São Paulo. Foi para São Paulo aos 10 anos e trabalhou como escravo doméstico. Aprendeu a ler aos 17 e, nesta época, conseguiu provar junto aos tribunais que era mantido como escravo injustamente e que, portanto, deveria ser posto em liberdade. Um vez livre, Gama passou a atuar como rábula, um advogado sem diploma que pleiteava causas específicas. No seu caso, Luís Gama conseguiu libertar mais de 500 escravos alegando que todo negro chegado ao Brasil após 1831 deveria ser livre, tal como dizia a Lei Feijó. Ele ainda estudou direito por conta própria, já que não foi aceito na Universidade por ser negro. Tornou-se um intelectual e atuou intensamente pela libertação do povo negro. Gama publicou poemas abolicionistas e escreveu para jornais. Como advogado, mesmo sem diploma, trabalhou pela alforria de negros e negras, salvando mais de 500 pessoas do cativeiro. Só foi reconhecido como advogado pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) em 2015, após mais de 130 anos de sua morte.*

André Rebouças (1838-1898) - engenheiro e ativista político



Nascido na Bahia, André Rebouças era filho de um conselheiro do Imperador Dom Pedro I e estudou engenharia no exterior. Construiu docas nos portos de Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Propôs meios para melhorar o abastecimento de água da capital do Império e planejou linhas ferroviárias junto com seus irmãos Antônio e José. Abolicionista, amigo da Família Imperial, foi um dos fundadores da "Sociedade Brasileira Contra a Escravidão". A princesa Isabel causou escândalo quando dançou com André Rebouças nos bailes da Corte deixando claro sua posição abolicionista. Monarquista, acompanhou a família imperial no seu exílio em Lisboa e dali partiu para Angola.

José do Patrocínio (1853-1905) - farmacêutico e ativista político



Nascido em Campo dos Goytacazes (RJ), José do Patrocínio foi para a capital do Império para estudar Farmácia enquanto trabalhava na Santa Casa de Misericórdia. No entanto, cedo trocou o laboratório pela redação de jornais onde defendia ardorosamente o fim da escravidão. Com Joaquim Nabuco, em 1880, fundou Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Além de comícios políticos, a organização arrecadava dinheiro para alforrias e facilitava fugas de escravos. Do mesmo modo, concorreu e ganhou a eleição para vereador do Rio de Janeiro em 1886. Assinada a Lei Áurea, em 1888, Patrocínio vai a Paris, de onde volta com o primeiro automóvel da cidade do Rio de Janeiro. Igualmente, investe suas economias na fabricação de dirigíveis. Falece de tuberculose aos 51 anos de idade.

Nilo Peçanha (1867- 1924) - presidente da República



Nilo Peçanha é considerado o primeiro presidente afro-descendente do Brasil, assumindo o cargo após a morte de Afonso Pena, em 1909. É importante lembrar que, naquela época, os vice-presidentes também eram votados pelos eleitores, de forma independente. Apesar de seu governo ter durado somente um ano, durante seu mandato, Nilo Peçanha criou o Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI, antecessor da Funai), e inaugurou a primeira escola de ensino técnico no Brasil. O político ainda foi governador do Rio de Janeiro em duas ocasiões, senador e ministro das Relações Exteriores.



Pixinguinha (1897-1973)



Pixinguinha, apelido de Alfredo da Rocha Vianna Filho, é considerado o maior flautista brasileiro, e ainda tocava cavaquinho, piano e saxofone. Começou a aprender música em casa e, aos 14 anos, já se apresentava em casas noturnas. Na época do cinema mudo, os artistas negros não eram contratados para as orquestras que acompanhavam o filme, nem tocavam no hall do cinema. No entanto, com a gripe espanhola, Pixinguinha consegue convencer um produtor a contratar o seu conjunto “Os Oito Batutas”, integrado somente por músicos negros. O grupo animaria os espectadores antes das projeções dos filmes. Mais tarde “Os Oito Batutas” excursionam pela Europa por seis meses e voltam triunfantes. Pixinguinha vai para o rádio onde escreve arranjos e conhece os grandes cantores da época, como Orlando Silva, que gravaria “Carinhoso”, que permanece no imaginário do brasileiro até os dias de hoje. Suas canções até hoje estão no repertório dos grupos de choro, samba e MPB, pois ele é considerado o fundador da moderna música brasileira. Filho de um flautista, começou a compor com apenas treze anos. Aos quinze já era membro da orquestra do Teatro Rio Branco. Pixinguinha tocava flauta, cavaquinho, saxofone e uma série de instrumentos. Além de ter feito sucesso no Brasil, o músico fez uma série de turnês no exterior.

Grande Otelo (1915-1993)



Nascido em Uberlândia (MG), Sebastião Bernardes de Souza Prata seria o primeiro ator negro brasileiro de projeção nacional e internacional. O apelido veio das aulas de canto, pois o professor previu que ele cantaria o papel de "Otelo", de Verdi, quando crescesse. A carreira artística começou nas ruas da cidade natal, quando o menino cantava e fazia graça para os transeuntes em busca de um trocado. Quando um circo chegou a cidade, Grande Otelo se apresentou com eles e seguiu viagem para São Paulo. Começava assim uma profícua carreira de ator de teatro e de cinema, especialmente em comédias ao lado de Oscarito. No entanto, gravou também títulos com diretores do Cinema Novo como "Rio Zona Norte", de Nelson Pereira dos Santos e "Macunaíma", de Joaquim Pedro de Andrade. Foi também o primeiro ator negro a atuar no Cassino da Urca e, mais tarde, participaria de vários programas de televisão. A Escola de Samba Estácio de Sá o homenageou em 1986 e a Escola de Samba Santa Cruz fez o mesmo em 2015. Ambas agremiações são do Rio de Janeiro. Os seus trabalhos, especialmente com Oscarito, fizeram muito sucesso no cinema. Atuou nas grandes estações de rádio e nos principais canais de televisão do país, além de ter protagonizado uma série de filmes, como o importante Macunaíma, em 1969. Grande Otelo protagonizou um marco importante: os negros não podiam entrar pela porta da frente nos cassinos, o que só foi superado depois que Grande Otelo foi contratado para trabalhar como ator em um deles.

Dandara (?-1694) - esposa de Zumbi



Dandara dos Palmares foi uma brava lutadora quilombola na época do Brasil colonial. Ao fugir dos engenhos, os escravos organizavam-se em quilombos, redutos onde podiam restaurar seus costumes africanos violentados pela escravidão. Na segunda metade do século XVI, a Capitania de Pernambuco possuía mais de 60 engenhos de açúcar, porém as dificuldades de utilizar o índio como força de trabalho, foram resolvidas com o tráfico de escravos africanos, que começaram a chegar ao Brasil a partir de 1532. Os escravos fugiam constantemente dos engenhos, sozinhos ou em grupos, e formavam quilombos: aldeias formadas por negros fugitivos, que ali podiam viver em liberdade e de acordo com sua cultura. A economia da colônia dependia quase exclusivamente do trabalho realizado pelos escravos africanos, que eram mantidos sob severa vigilância e duramente castigados ao menor sinal de rebeldia. Os dados sobre a vida de Dandara são escassos e não há certeza se ela nasceu no Brasil ou na África. Sabe-se que ela foi a esposa de Zumbi e com ele teve três filhos. Além disso, participou da resistência contra o governo português lutando ao lado das tropas que defendiam o Quilombo dos Palmares. Igualmente, se opôs ao líder Ganga Zumba quando este quis realizar um pacto com o governo português. Derrotado o exército do Quilombo dos Palmares, para não ser pega pelos soldados coloniais, Dandara preferiu suicidar-se, atirando-se num precipício.



Jovelina Pérola Negra



Jovelina Farias Belfort, mais conhecida pelo nome artístico Jovelina Pérola Negra, foi uma cantora e compositora brasileira, considerada uma das grandes divas do samba. Sua voz rouca e potente, aliada ao tom popular e à força expressiva, marcaram sua carreira. Herdeira do estilo de Clementina de Jesus, Jovelina também trabalhou como empregada doméstica antes de conquistar o sucesso no cenário musical. Nascida em Botafogo (zona sul do Rio de Janeiro), Jovelina logo fincou pé na Baixada Fluminense. Apareceu para o grande público no disco Raça Brasileira, uma coletânea de cantores de pagode ainda desconhecidos. Pastora do Império Serrano, ajudou a consolidar o pagode. Verdadeira tiete do partideiro Bezerra da Silva, Jovelina começou a dizer seus pagodinhos no Vegas Sport Clube, em Coelho Neto, levada pelo amigo Dejalmir, que também lançou o nome Jovelina Pérola Negra, homenagem à sua cor reluzente. Gravou cinco discos individuais conquistando um Disco de Platina. Atualmente são encontradas apenas as coletâneas com os grandes sucessos como "Feirinha da Pavuna", "Bagaço da Laranja" (gravada com Zeca Pagodinho), "Luz do Repente", "No Mesmo Manto" e "Garota Zona Sul", entre outros. O sucesso chegou tardiamente e ela não realizou o sonho de "ganhar muito dinheiro e dar aos filhos tudo o que não teve".

Sueli Carneiro (1950)



Sueli Carneiro é uma das intelectuais e ativistas contemporâneas mais importantes do país. Nascida em São Paulo, Sueli fez o doutorado em Educação pela USP e fundou o Geledés Instituto da Mulher Negra. A frente dessa instituição que milita pela consciência racial no Brasil, Sueli tem feito fortes contribuições sociais. Ela também escreve regularmente livros e artigos: a autora já tem mais de 150 artigos publicados, além de 17 livros que abordam a situação dos negros e negras no país. Sueli Carneiro é uma referência de militância política do movimento negro.



Djamila Ribeiro (1980)



*Djamila Ribeiro (1980) é uma filósofa, ativista social, professora e educadora brasileira, uma importante voz contemporânea em defesa dos negros e das mulheres. Seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, que trata do racismo estrutural enraizado no Brasil, recebeu o prêmio Jabuti em 2020. Nascida em Santos, Djamila atua como jornalista, feminista e é ativista do movimento negro e dos direitos humanos. Seu pai, José Ribeiro dos Santos era estivador, ativista do movimento negro e um dos fundadores do Movimento Comunista em Santos. Sua mãe, Erani Benedita dos Santos Ribeiro era empregada doméstica. Com graduação e mestrado em filosofia política, herdou do pai a veia politizada e intelectual, que, apesar de ter pouco estudo, era um militante comunista e levava os três filhos desde pequenos para os atos políticos. Além de ativista e pensadora, Djamila tem uma atuação bastante prática: a jovem já ocupou cargos públicos e foi secretária-adjunta da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo. O debate sobre a questão racial sempre esteve presente na criação de Djamila. Seus pais se separaram durante a adolescência de Djamila. Com 19 anos, Djamila começou a frequentar a Casa da Cultura da Mulher Negra, uma organização fundada por Alzira Rufino, que passou a ser referência para a ativista. Djamila recebeu influência espiritual de sua avó, que frequentava o candomblé. O convívio com sua avó inspirou a autora a mais tarde escrever o livro autobiográfico: “*Cartas Para Minha Avó*”. Enquanto sua mãe lutava contra um câncer, Djanira passou a trabalhar como ajudante de limpeza para pagar o curso de jornalismo que fazia em uma universidade privada. Coursou jornalismo até 2005. Ingressou no curso de Filosofia na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo em 2007, aos 27 anos. Concluiu a graduação em 2012 e o mestrado em Filosofia Política, com foco em teoria feminista, em 2015, na mesma instituição. Começou a ganhar visibilidade nacional após escrever no portal Blogueiras*



Negras que discutia assuntos referentes às feministas negras, e após ser entrevistada em um programa na TV falando sobre feminismo negro, racismo e filosofia. Trabalhou como colunista da revista CartaCapital e da Revista AzMina. Em 2015, escreveu o prefácio do livro “Mulheres, Raça e Classe” da filósofa norte-americana Angela Davis. Em maio de 2016 foi nomeada secretária-adjunta da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo.

Problemas e Soluções

No Brasil, a perspectiva antirracista na cultura implica valorizar manifestações culturais e artísticas diferenciadas de predominância negra como, por exemplo, a capoeira e o samba, que muitas vezes foram marginalizadas. Significa também enfrentar o branqueamento cultural, como a apropriação de elementos afro-brasileiros sem reconhecimento de suas origens, e garantir que políticas públicas culturais promovam equidade, como cotas em editais artísticos ou apoio a comunidades tradicionais.

Essa abordagem reconhece que a cultura não é neutra: ela pode perpetuar opressões ou promover inclusão, dependendo de como é construída e interpretada.

Muitas representações culturais como na mídia, arte ou educação, reforçam estereótipos raciais. Por isto, uma visão antirracista deve sempre buscar desafiar essas narrativas, promovendo representações diversas e autênticas que valorizem as identidades de grupos historicamente marginalizados. Nesse sentido, a perspectiva antirracista destaca a importância de reconhecer e celebrar essas contribuições, como a influência afro-brasileira na música, culinária e religiosidade, sobretudo porque culturas de povos negros, indígenas e outros grupos racializados frequentemente foram apagadas ou apropriadas sem crédito.

Pelo fato de a cultura refletir e ser moldada por estruturas de poder que muitas das vezes perpetuam narrativas colonialistas, um olhar libertário antirracista, por outro lado, exige a revisão dessas estruturas através da promoção de currículos educacionais inclusivos, exposições que contenham histórias plurais e políticas culturais equitativas.



A criação de espaços culturais que promovam a diversidade e combatam a exclusão é essencial. Isso inclui incentivar a participação de artistas, pensadores e líderes de diferentes origens raciais, além de garantir acesso equitativo a bens culturais. Até porque, uma cultura antirracista depende de educação contínua sobre a história do racismo e suas manifestações atuais. Isso envolve promover o letramento racial, ou seja, a compreensão crítica das dinâmicas raciais, para que indivíduos e comunidades possam identificar e combater preconceitos em suas práticas culturais.

3. **Desafios**

Mudar narrativas culturais dominantes encontra resistência, especialmente em contextos onde o racismo é negado ou minimizado. É necessário distinguir entre intercâmbio cultural respeitoso e apropriação que explora ou descontextualiza elementos de culturas oprimidas.

Recursos culturais, como teatros, museus e eventos, muitas vezes são inacessíveis a populações racializadas devido a barreiras econômicas ou geográficas.

➤ **Cultura e Identidade.**

- a. Diversidade cultural: é uma expressão da diversidade humana, e cada grupo étnico-racial tem sua própria cultura única.
- b. Identidade cultural: é uma parte importante da identidade individual e coletiva, e é influenciada pela história, tradições e valores de cada grupo.

➤ **Racismo e Cultura**

- a. Racismo cultural: se manifesta quando uma cultura é considerada superior às outras, e as práticas e valores de uma cultura dominante são impostos sobre as outras.



b. Apropriação cultural: ocorre quando elementos de uma cultura são adotados por outra cultura sem respeito ou compreensão do contexto original.

➤ **Perspectiva Antirracista**

a. Valorização da diversidade: reconhece a importância de preservar e promover as culturas de todos os grupos étnico-raciais.

b. Crítica ao racismo cultural: busca dismantlar as estruturas de poder que perpetuam a opressão cultural.

c. Diálogo intercultural: busca criar espaços para que as diferentes culturas sejam ouvidas e respeitadas.

➤ **Práticas Antirracistas**

a. Educação antirracista: busca conscientizar as pessoas sobre a importância da diversidade cultural e a necessidade de combater o racismo cultural.

b. Promoção da inclusão: busca criar espaços que sejam acolhedores e respeitosos para todas as culturas.

c. Apoio às culturas marginalizadas: busca promover a visibilidade e o reconhecimento das culturas que têm sido historicamente oprimidas.

É fundamental educar os profissionais das diversas áreas do conhecimento e do saber sobre o impacto do racismo na cultura e promover a conscientização sobre vieses implícitos através do estabelecimento ou implementação de políticas públicas que promovam a igualdade e a justiça, garantindo acesso adequado e equitativos para todos para desenvolver intervenções eficazes e melhorar os resultados.



Conclusão

Uma perspectiva antirracista na cultura exige um compromisso ativo com a desconstrução de desigualdades, a valorização da diversidade e a promoção de justiça social. Isso envolve tanto a crítica às práticas culturais excludentes quanto a criação de novos espaços e narrativas que celebrem a pluralidade e respeitem as histórias de todos os grupos. No Brasil, esse processo é inseparável da luta por reparação histórica e igualdade racial.

A cultura, entendida sob esta perspectiva torna-se um instrumento de transformação social. Ao reconhecer a pluralidade de vozes e experiências que compõem o tecido social, é possível desconstruir os paradigmas racistas que ainda sustentam desigualdades estruturais. Promover uma cultura antirracista significa, portanto, democratizar o acesso à produção e à representação simbólica, fortalecendo as bases para uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Referências

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra: entre o silenciamento e a formação para a cidadania. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Antígona, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.



ASSMANN, Selvino JosÈ. Sobre a política e a pedagogia em Rosseau: È possível ser homem e ser cidad,,o? Perspectiva, FlorianÙpolis, ano 6, n. 11, jul./dez. 1988.

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87804/221632.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jovelina_P%C3%A9rola_Negra

https://www.ebiografia.com/dandara_dos_palmares/

https://www.ebiografia.com/djamila_ribeiro/

https://www.ebiografia.com/personalidades_negras_brasil/

https://www.ebiografia.com/biografia_personalidades_negras_importantes_historia/

https://www.todamateria.com.br/personalidades-negras-brasileiras/?utm_source=ebiografia&utm_medium=conteudos